

Quilombolas da Ilha de São Vicente

Araguatins T0

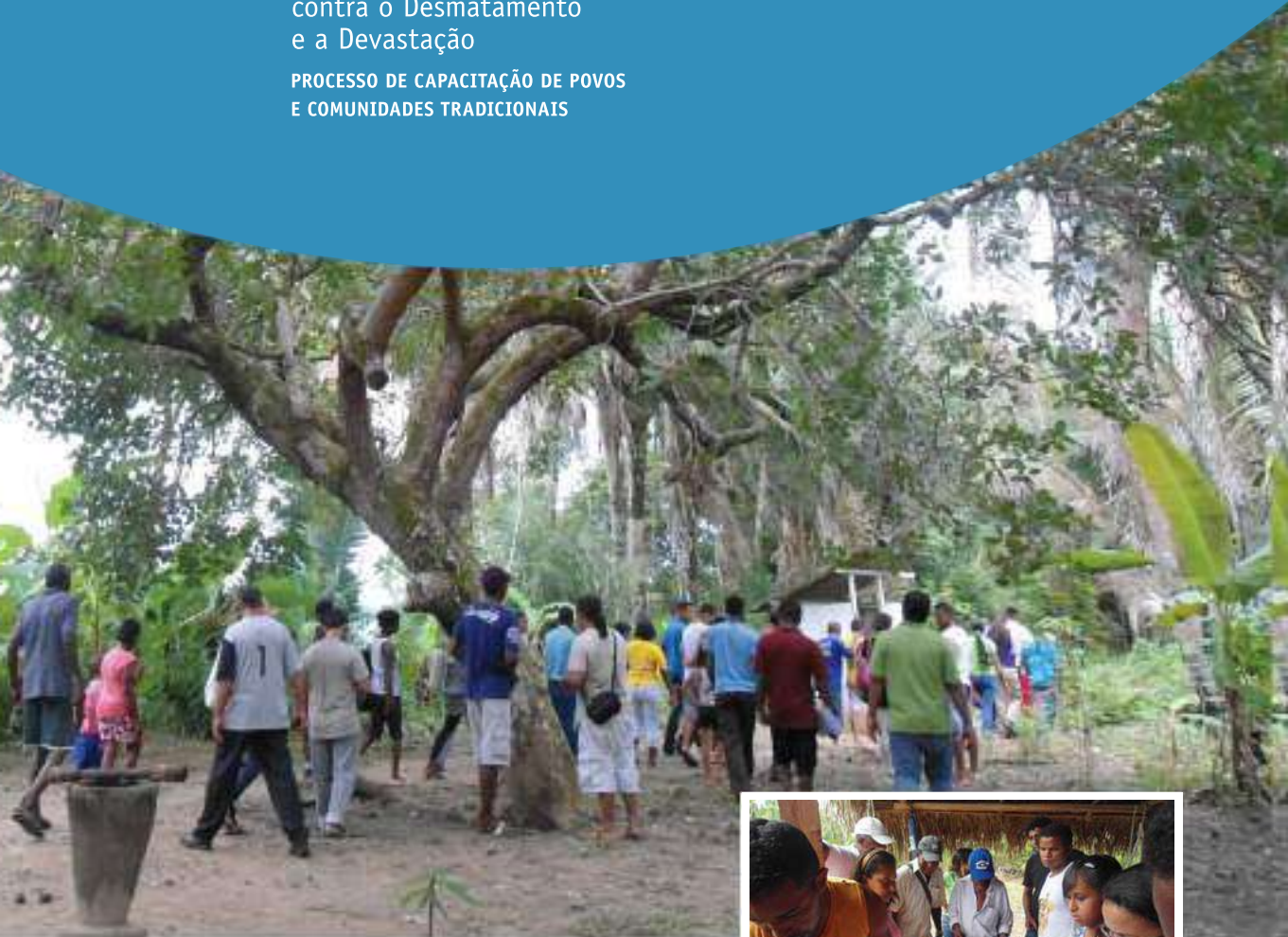
11

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Paulo Rogério Gonçalves APA-TO
Rejane Cleide Medeiros de Almeida UFT/TOCANTINÓPOLIS
Rita de Cássia Pereira da Costa UFPA/LPEC
Aline Vieira da Silva GRADUANDA DA LPEC/UFPA
Francisco de Oliveira Araújo GRADUANDO DA LPEC/UFPA
Manoel Clauderi Coutinho da Luz GRADUANDA DA LPEC/UFPA
Maria Raimunda Dias Barbosa ALUNA DA LPEC/UFPA
Maria Aucione Ribeiro Tenório GRADUANDA DA LPEC/UFPA
Cristiano Bento da Silva MESTRANDO DA LPEC/UFPA
Elisson Diego Carvalho Conrado GRADUANDO
EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFT/TOCANTINÓPOLIS

EDIÇÃO

Paulo Rogério Gonçalves
Rejane Cleide Medeiros de Almeida
Rita de Cássia Pereira da Costa

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Ana Cláudia Matos da Silva

CARTOGRAFIA E MAPAS

Mônica Cortêz Pinto

LEVANTAMENTO DE PONTOS DE GPS

Paulo Rogério Gonçalves
Manoel Clauderi Coutinho da Luz

FOTOS

Cristiano Bento da Silva
Rita de Cássia Costa
Maria Aucione Tenório
Selma YukiIshii,
Marquinho Mota

DESIGN GRÁFICO

Casa 8 Projetos e Edições

COORDENAÇÃO ESTADUAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS

COORDENADOR EXECUTIVO

Carlos Eduardo Negres Victorio

COORDENADORA ADMINISTRATIVA

Márcia Azevedo Barbosa

COORDENADORA DE FINANÇAS

Lucivânia Almeida de Brito, brasileira

COORDENAÇÃO TEMÁTICA

COORDENAÇÃO DE TERRITORIALIDADE

José Carlos Silva Sousa

COORDENAÇÃO DE SAÚDE

Emílio dos Santos Rosa

COORDENAÇÃO DE JUVENTUDE

Jeferson Dias dos Santos

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

COORDENAÇÃO EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

NeimaDídima dos Santos

COORDENAÇÃO AGRÁRIA

Isabel Rodrigues

CONSELHO FISCAL

- 1º TITULAR: Jorlando Ferreira Rocha
2º TITULAR: Domingos Barbosa da Silva
3º TITULAR: Lourenço Gonçalves de Almeida
1º SUPLENTE: Eliene Fernandes Crisostomo de Almeida
2º SUPLENTE: Francisco Edinar de Oliveira
3º SUPLENTE: Elzita Evangelista Rodrigues

ASSOCIAÇÃO QUILMBOLA DA ILHA DE SÃO VICENTE

- PRESIDENTA: Rosângela de Souza Barros
VICE PRESIDENTE: Domingos Willian de Souza Barros
1º SECRETARIA: Beatriz Francisco de Souza
2º SECRETARIA: Cristina Queiroz Freita
1º TESOUREIRO: Elton de Souza Barros
2º TESOUREIRO: Manoel Batista Barros

CONSELHO FISCAL

- 1º TITULAR: Miguel Batista Barros
2º TITULAR: Barros Sobrinho
3º TITULAR: José batista Barros
1º SUPLENTE: Maria de Nazaré Silva
2º SUPLENTE: Juacy Carvalho Barros
3º SUPLENTE: Jovenilson Barnabé Noronha
4º SUPLENTE: Francismar Araújo Noronha

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : quilombolas da Ilha de São Vicente Araguatins, Tocantins, 11 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elisabeth Acevedo Marin ; equipe de pesquisa, Paulo Rogério Gonçalves ... [et al.]. Manaus :UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-284-1

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas – Tocantins. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elisabeth Acevedo. III. Gonçalves, Paulo Rogério.

CDU 528.9:316.48(811.7)

A Oficina de Mapa entre os Quilombolas da Ilha São Vicente, município de Araguatins – Tocantins ocorreu no período de 1 a 5 de fevereiro de 2013. Nesse momento a comunidade recebia um grupo de jovens quilombolas dos Estados do Pará, Tocantins e Maranhão para uma formação do projeto IjêÓfé – Raça Livre, realizado pelo Fórum da Amazônia Oriental – FAOR. A oficina de cartografia com foco na autocartografia das situações socioambientais e culturais decorreu como atividade do “Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o desmatamento e a devastação: Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais”. Por essas se propôs acompanhar e registrar situações expressas pela comunidade quilombola da Ilha de São Vicente que reivindica a regularização de seu território tradicional. A comunidade vive em conflito com fazendeiros que invadiram o território. A comunidade registrou a preocupação com a construção da Usina Hidrelétrica de Marabá, que se construída, inundará todo o território da comunidade. Na oficina e atividade de campo com georreferenciamento os quilombolas indicaram e falaram das suas práticas agroextrativas e pesqueiras, apontando para a importância das atividades e a relação com o território. Explicitaram as formas de uso de uso do território e dos recursos no presente e no passado, bem como das práticas socioculturais de preservação e de recuo de desmatamentos que referendam a relação tradicional de ocupação do território da Ilha e margens do rio Araguaia.

O mapa e a história da Ilha São Vicente e dos ancestrais da margem do rio Araguaia

“Bom pessoal! Então, essas áreas que agente vai apresentar aqui, ela é uma área do Pará, que é em frente. É como se esse mapa tivesse em cima daquele lá, porque aqui nós temos o rio Araguaia. Então, nós estamos aqui na frente e, nós usamos como referência para iniciar o nosso mapa. Nós usamos aqui a praia do Noronha, não é bem em frente mesmo que começa. Ela começa mais abaixo, e se vocês descerem um pouco aqui vocês vão ver que existe outra ilha, que é a praia do Noronha. Tem esse nome porque foi dado pelo primo nosso. Então, aqui nós dividimos esse mapa por setor de irmãos.



Jorlando Ferreira, Miguel Batista, Regina Barros, Rosângela de Souza Barros, Joacy Carvalho Barros, Elton de Souza Barros

É como agente falou: o José Henrique que é o pai do tio Salvador, ele tinha outros irmãos e, esses irmãos de certa forma se dividiram. Cada um deles tinha sua área. Não existia uma cerca, mas tinha uma limitação (...). Nós fizemos o mapa, não de acordo com os filhos, mas fizemos o mapa de acordo com os irmãos mais velhos: os tios do tio Salvador e os do tio Pedro. Então (...) nós temos aqui, no caso, a área da tia Brasilina (...) é essa primeira área aqui, indo daqui para lá onde ela usou quase toda área para fazer a roça. Quase toda área foi explorada para fazer roça, aonde ela tinha um sítio. Aqui a gente pode ver o sítio, e tinha uma casa de farinha próximo da casa dela e tinha uma mata (...). Ele colocava roça. Lá no final a gente tem um grotão também que a gente delimitou. Ele fica mais ou menos quatro quilômetros do rio pra lá, indo para a Transamazônica. Então tem um grotão, que é um córrego menor do que o rio, e nessa área próximo ao gro-

tão foi aonde o José Henrique que é o pai do tio Salvador colocava roça (...). Então dessa área ele tocava a roça e ele veio até delimitar com a tia Domingas que é a irmã dele, e também com a tia Brasilina que também é irmã (...).

O irmão do tio Pedro veio morar aqui com o sogro e como o pai dele que já tinha feito roça aqui. Ele veio para cá e fez roça nessa área aqui. Então essa área já foi colocada pelo José Henrique que é o pai do tio Salvador. Então o filho dele veio colocar roça aqui nessa área até mais ou menos uns dez anos. O tio Juarez colocava roça aqui! Aí logo depois agente tinha a roça do Raimundo Noronha que era da família dos Noronhas. Ele já tinha colocado roça, explorou ela quase toda, até chegar no Grotão, que é uns quatro quilômetros. Tudo isso foi colocado de roça e o sítio dele não era próximo do rio igual aos dos outros (...) já era mais próximo da mata, onde ele tinha a casa de farinha próxima ao sítio. E essa área aqui, depois do grotão, era onde eles também utilizavam para caçar e tinha aqui uns pedaços de mato onde não tinha sido explorado, e ele utilizava essa área depois do grotão pra caçar há uns quatro quilômetros depois do rio. E aqui nessa extensão é onde tinha os índios que já moravam aqui. Mais no fundo, aqui com Raimundo Noronha, então aqui já era a roça dele. Aqui é onde ele colocava roça e onde ficavam os indígenas. Então é um pouco do mapa que agente construiu, né.” JORLANDO FERREIRA.

Área dos remanescentes e áreas de caça

“E, aqui tinha o senhor que era o Capucho, que tinha um certo limite. Não tinha demarcação de área, mas, tinha o limite (...). Ele não fazia parte da família, essa área branca para cá não era dos quilombolas, mas, já houve um casamento igual eu expliquei. Mais pra cá, já não era mais remanescentes, então a área que era dos remanescentes é essa área aqui que foi apresentada para vocês. E depois do grotão eles caçavam, e nessa área de mata também. Lá onde já havia sido colocada roça também, que era capoeira. Como era uma área muito grande, ainda tinha caça nessa área de capoeira e nesse grotão também, eles andavam bastante e aprenderam com tio Henrique (...)” JORLANDO FERREIRA.



Jorlando Ferreira, Joacy Carvalho, Virgílio Barros



Salvador Barros e Pedro Barros

Rosângela de Souza Barros, Joacy Carvalho, Reginaldo de Souza Silva



História de vida sustentável na Ilha de São Vicente

“(...) a gente trabalha para isso, remanejando, arrumando plantando, ai tem muitas plantações. E agente plantou cacau ali no fundo. Tem abacate, tem cupu, tem mandioca, tem de tudo um pouquinho, ai à medida que agente vai tendo um pouquinho, agente vem e trás os colegas para ir ajudando também, que é muito mato, muito mato mesmo! Nesse período chuvoso ninguém dá conta de tanto mato. Aquele forno lá para quem não conhece é feito do cupim mesmo. A gente assa várias caças, peixes, frangos, qualquer coisa. Bolo também agente assa, coloca o coco de babaçu seco, toca fogo lá, deixa esquentar bem, depois tira e só aquela quentura já assa o produto ali dentro. Você põe um flandre na frente né, com poucos minutos: dez ou quinze minutos, estão assados. Já de vez em quando agente utiliza ele quando vai fazer uma brincadeira (...)”. JORLANDO FERREIRA.



Jorlando Ferreira e Miguel Batista Barros

“Os porcos foi o meu pai que criava naquela época... aí quando ele morreu ficou essa criação de porco aqui, brabo ainda hoje em dia existe essa criação de porco brabo, vão matando mais as porcas vão parindo é o porco piau,... piau preto... e tem outro tipo também, pois é tem porco branco também, que dá raça de porco pinta, tem de todo jeito. Mais essa criação de porco ainda é do tempo do veio meu pai, pois existe ai as porcas que vão parindo e aumentando.” SALVADOR

“Meu pai dizia que minha avó tinha muito pato e esses patos embraveceu.” MANOEL

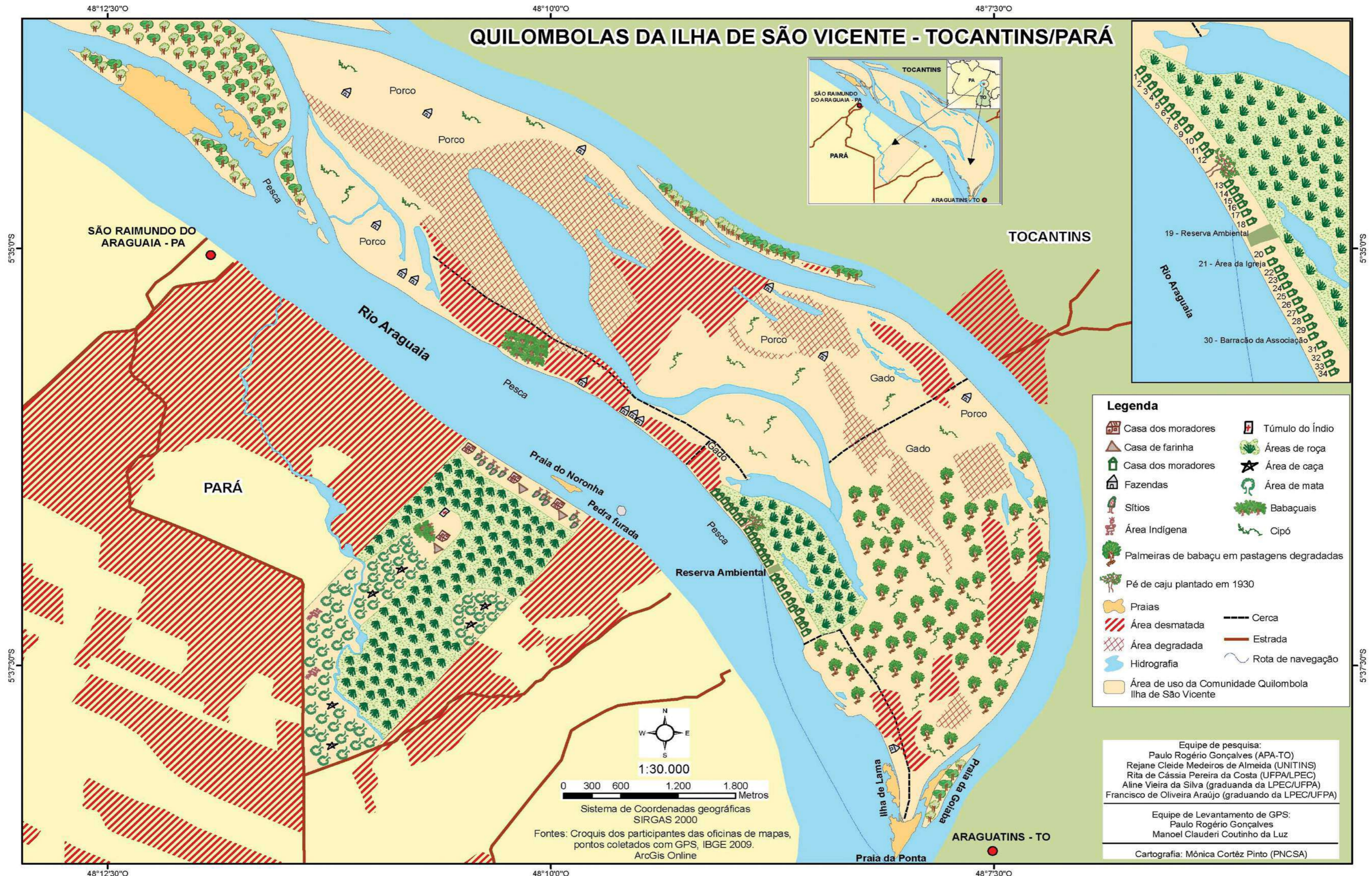
“Nós tinha tudo quanto é tipo de criação: peru, angolista, jacu verdadeiro, mutum, paca (...)” SALVADOR

“Agente criava gado curraleiro aquele gadinho tucura sabe... a única criação que meu pai não quis aqui... ele tentou mas acabou foi o bode... papai não gostava pois atentava demais...” PEDRO

“O papai ele botava roça aqui para plantar o arroz, lá no Pará para plantar o milho, a mandioca, também tinha um cafezal lá, assim ficava vermelhinho de café, era quase uma linha de cafezal, carregava e o grotão passava onde hoje em dia é a fazenda do Zezim. Lá era açazal, muito açai. Quando é tempo de açai a gente tirava quase de saco cheio...de açai.”

Ai os fazendeiros quando chegaram acabaram tudo, raparam tudo. Hoje em dia nem tatu tem, está difícil. Tatu, paca, onça, veado mateiro, anta, caititu, porcão, o mutum o jacu verdadeiro tudo tinha, tudo existiam nessa terra. Agente escutava o mutum roncar para todo lado. Aquela joaninha preta...pé roxo agora que está tendo um casal ai, de vez em quando eu escuto ela cantar, acho que eles atravessaram do Pará para cá. Eu sempre deixo conservar, tem uma lagoa ai, quantas pessoas também já pelejou para entrar aqui, eu nunca deixei que é uma reserva do peixe, tem o jacaré tem o tracajá, tem o piroasca, tudo ai dentro dessa lagoa, eles se escondem pra lá, o sucuri, o jacaré, o praquê que é o peixe elétrico tudo tem. Eu não deixo ninguém entrar por que se entrar um entra dois, entra três, com pouco invade, pois é essa área ai da lagoa.” SALVADOR

“(...) a tia Domingas vai falar para vocês um pouco das plantas medicinais. O que tem e como que ela usa, ela gosta muito de jardim e também das flores né. Ela é uma pessoa que gosta muito



Na elaboração dos croquis os ícones representativos das moradias, sítios, áreas de roça, caça, pesca, fazendas, babaçuais estão dispostos tendo o rio Araguaia como referência. Desta forma todos os itens mencionados estão de frente para o rio.



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o desmatamento e a devastação
 Processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais



- | | | | | |
|---------------------|-------------------------|----------------------|-----------------------|---------------------------|
| 1-Sr. Franscimar | 8-Sra. Vicência Batista | 15-Sr. Genivaldo | 22-Sra. Madalena | 29-Sra. Rosângela |
| 2-Sra. Pedro Barros | 9-Sra. Maria Batista | 16-Sr. Dorivan | 23-Sra. Raimunda | 30-Barracão da Associação |
| 3-Sra. Domingas | 10-Sr. Fábio | 17-Sr. Deuzivan | 24-Sra. Betariz | 31-Sr. Reginaldo |
| 4-Sra. Joacimira | 11-Sr. Doriman | 18-Sr. Virgílio | 25-Sr. Miguel Batista | 32-Sr. Salvador Batista |
| 5-Sra. Regina | 12-Sr. Domingos | 19-Reserva Ambiental | 26-Sra. Maria Rita | 33-Sra. Josefa |
| 6-Sr. Joacy | 13-Sr. Deuzivado | 20-Sr. Jorlando | 27-Sr. José Batista | 34-Sra. Maria Rita |
| 7-Sr. Elton | 14-Sr. Dorilene | 21-Área da Igreja | 28-Sr. José Neres | |

Equipe de pesquisa:
 Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)
 Rejane Cleide Medeiros de Almeida (UNITINS)
 Rita de Cássia Pereira da Costa (UFPA/LPEC)
 Aline Vieira da Silva (graduanda da LPEC/UFPA)
 Francisco de Oliveira Araújo (graduando da LPEC/UFPA)

Equipe de Levantamento de GPS:
 Paulo Rogério Gonçalves
 Manoel Cláuderri Coutinho da Luz

Cartografia: Mônica Cortez Pinto (PNCISA)



Plantas medicinais e fruteiras

fazendas. E na ilha aqui quem cria gado é o Moacir e o Zedelvir, são os fazendeiros mais próximos por aqui.” FRASCISMAR ARAÚJO NORONHA

“A gente quebra coco pra fazer carvão, cria galinha, pesca peixes. A gente vende também, quando dá para vender a gente vende, quando tá pouco fica só para o consumo mesmo. Tira as palhas das pindobinhas dessas que vão mesmo para não destruir a natureza, tira mesmo o necessário para não desmatar ela. Para cobrir as casa tem que tirar palhas, é das palmeiras, as pindobas são essas baixinhas para não derrubar as palmeiras altas. A gente bota escada e tira para não ter que jogar as bichinhas no chão. A gente vende também, usa mais do que o que vende, mas para comer do que vender. Aqui vende mais em uma hora da necessidade. (...) chamam pelo nome de quebradeira, quebradeira de coco (risos). A esteira esse ai, ah! Tem mulher que sabe fazer. Para forrar o chão, botar o feijão no sol, milho para secar. (...). Aqui a quebradeira de coco é a tia Dominga, Nazaré e eu mesma. Agente quebra coco para tirar azeite, tirar leite. (...) cada uma fica no seu local, está faltando se reunir para as mulheres fazer uma casa para botar todo mundo para quebrar coco.” EVA DA SILVA



Consórcio de bananeira e cupuaçu



Beatriz Francisco de Souza

“A dança antigamente na época que era dos meus pais era a dança de forró, do lindo e da suça. A suça era sapateando (...). Porque eles dançam ai tem o sarão, ai eles gritam: oh o sarão! ai ele sai atrás do outro. Eu já dançava a suça e estava aprendendo. Não era assim nos festejo que tinha é porque nós festejávamos aqui São Lázaro, São José era nessas épocas que fazíamos essas brincadeira viu! [...] as festa são de São Lázaro e São José. Era lá onde nós morávamos. Ali onde é a casa da minha irmã Vicência que fazíamos as festas, na casa do meu pai. Uma casa na frente do tamanho desse e tinha outro quase do mesmo tamanho do lado do fundo que era a cozinha dessa

História de vida sustentável na Ilha de São Vicente

“(…) a gente trabalha para isso, remanejando, arrumando plantando, ai tem muitas plantações. E agente plantou cacau ali no fundo. Tem abacate, tem cupu, tem mandioca, tem de tudo um pouquinho, ai à medida que agente vai tendo um pouquinho, agente vem e trás os colegas para ir ajudando também, que é muito mato, muito mato mesmo! Nesse período chuvoso ninguém dá conta de tanto mato. Aquele forno lá para quem não conhece é feito do cupim mesmo. A gente assa várias caças, peixes, frangos, qualquer coisa. Bolo também agente assa, coloca o coco de babaçu seco, toca fogo lá, deixa esquentar bem, depois tira e só aquela quentura já assa o produto ali dentro. Você põe um flandre na frente nê, com poucos minutos: dez ou quinze minutos, estão assados. Já de vez em quando agente utiliza ele quando vai fazer uma brincadeira (...)”. JORLANDO FERREIRA.



Jorlando Ferreira e Miguel Batista Barros

“Os porcos foi o meu pai que criava naquela época... aí quando ele morreu ficou essa criação de porco aqui, brabo ainda hoje em dia existe essa criação de porco brabo, vão matando mais as porcas vão parindo é o porco piau,... piau preto... e tem outro tipo também, pois é tem porco branco também, que dá raça de porco pinta, tem de todo jeito. Mais essa criação de porco ainda é do tempo do veio meu pai, pois existe ai as porcas que vão parindo e aumentando.” SALVADOR

“Meu pai dizia que minha avó tinha muito pato e esses patos embraveceu.” MANOEL

“Nós tinha tudo quanto é tipo de criação: peru, angolista, jacu verdadeiro, mutum, paca (...)” SALVADOR

“Agente criava gado curraleiro aquele gadinho tucura sabe... a única criação que meu pai não quis aqui... ele tentou mas acabou foi o bode... papai não gostava pois atentava demais...” PEDRO

“O papai ele botava roça aqui para plantar o arroz, lá no Pará para plantar o milho, a mandioca, também tinha um cafezal lá, assim ficava vermelhinho de café, era quase uma linha de cafezal, carregava e o grotão passava onde hoje em dia é a fazenda do Zezim. Lá era açazal, muito açai. Quando é tempo de açai a gente tirava quase de saco cheio...de açai.”

Ai os fazendeiros quando chegaram acabaram tudo, raparam tudo. Hoje em dia nem tatu tem, está difícil. Tatu, paca, onça, veado mateiro, anta, caititu, porcão, o mutum o jacu verdadeiro tudo tinha, tudo existiam nessa terra. Agente escutava o mutum roncar para todo lado. Aquela joanazinha preta...pê roxo agora que está tendo um casal ai, de vez em quando eu escuto ela cantar, acho que eles atravessaram do Pará para cá. Eu sempre deixo conservar, tem uma lagoa ai, quantas pessoas também já pelejou para entrar aqui, eu nunca deixei que é uma reserva do peixe, tem o jacaré tem o tracajá, tem o piroasca, tudo ai dentro dessa lagoa, eles se escondem pra lá, o sucuri, o jacaré, o praquê que é o peixe elétrico tudo tem. Eu não deixo ninguém entrar por que se entrar um entra dois, entra três, com pouco invade, pois é essa área ai da lagoa.” SALVADOR

“(…) a tia Domingas vai falar para vocês um pouco das plantas medicinais. O que tem e como que ela usa, ela gosta muito de jardim e também das flores né. Ela é uma pessoa que gosta muito

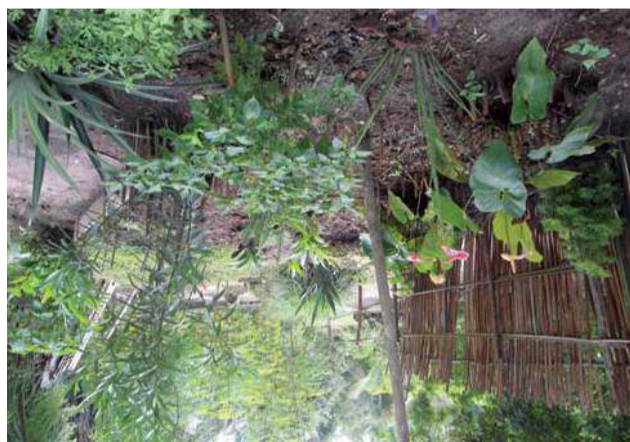
Lagoa no interior da ilha



Roça de milho entre palmeiras de babaçu



Plantas medicinais



Grav de hortaliças do Virgílio Barros



“Aqui é o seguite, eu planto macaxeira, eu tanto feijão, planto milho, a banana e ai a renda nossa aqui é o babaçu que agente quebra o babaçu mais do que a quantidade de dois não, era só aquele dois basta é só para comer ele não deixava matar que vocês não vão comer isso tudo, matando só que nós matava um dois, ai o veio meu pai dizia daqueles pés de cajú, comendo as frutas, ai vez uma hora dessa, ficava preto de guariba em cima tudo! Anajá tudo o tinha. Quando era de tarde por ro que dois homens não abraçava... isso acabou...Axixá, tudo o tinha... tinha pé de cajú de janeiro- nha aquela folha grande que tem um pé bem ali sapucaia aquela outra, o jatobá, tinha bacaba, ti- de janeiro, tinha aquela que dá a frutona Pedro...a tinha outros tipos de árvores... tinha o cajú frente vai fazer falta...”

Já tinha pra todo lado, desde meu nascimento aqui já era cheio de palmeiras. Agora com esses fazendeiros, quando eles compararam tinha uma área grande, ai eles derrubam tudo, porque mais para frente vai servir ou vai fazer falta pra gente mesmo... pois é, como já tem comprador de babaçu para fazer a ração pra gado, isso mais para frente vai fazer falta...”

“O Pai é o miolo do coqueiro quando o coqueiro cai que ele apodrece, ai a gente pega aquele pai. Já ele podre é de quatro a cinco anos, ai vira aquele pai, a gente apanha para botar o adubo nas plantas, para qualquer planta o adubo é bom de palmeira e tem muita utilidade. Começa das palhas, tem as frutas do babaçu que a gente aproveita para comer e fazer o carvão, pode tirar o leite e a palha para cobrir casa, tudo serve, tudo tem serventia, é de grande utilidade a palmeira.”

“Tem muita planta medicinal: capim de cheiro, babosa, hortelã, macaxeira, tem muita coisa plan- tada (...)” DOMINGAS BARROS

JORLANDO FERREIRA tal para nós aqui dentro da nossa comunidade... idade e experiência. Ela é uma pessoa fundamen- para dar força e ajudar unir essa família, pela sua zendreiro ela foi uma das pessoas que veio para cá cidade e após esse confronto e conflito com o fa- com o tio Pedro. Ela já é aposentada e morava na de cultivar isso e ela passa o tempo aqui junto

“Nasci na ilha do Pará, bem ali, nesse tempo era município de São João do Araguaia. Agora é município de Brejo Grande. Meu pai chama-se Francisco Sousa Noronha. Antes era município de São João do Araguaia. Tenho cinco filhos e somente três moram aqui. Os outros estão da família e o trabalho no barco. De modo geral a comunidade pesca e trabalha fazendo dietas para outras famílias da comunidade. Vende galinha, macaxeira, abóbora, milho, o que tem e o que planta (...). É mais para o consumo! Vende babaçu e tira azeite. Quando tem bastante, ai vende um pouco, quando encontra uma pessoa que quer comprar agente vende. O azeite agente come e coloca na comida. Por enquanto só tem esses frutos da roça, abóbora, melancia, o milho, o feijão, a fava que ainda está pequena para colher. As madeiras só para fazer cercas. (...)

Este é o pé de Jurema, pé de maracujá ele já está acabando a carne, eu plantei como experiência. Vou plantar mais pelo menos cinquenta pés (...). Aqui eu crio também umas galinhas sabe. Eu vou cercar para as galinhas não fugirem, vou passar uns três rolo de tela aqui para prender as galinhas por causa dos bichos. Aqui agente não bota mais roça porque não tem área suficiente. Mas eu quero plantar cinquenta pés, nesse outro ano. Era para ter muitas plantas, mais a saúva (formiga) cortou a planta, agora agente está plantando pé de pegui. O que foi plantando ele era para estar grande, mas o cupim cortou, ai eu tirei o galho que o cupim cortou para botar no pé de maracujá, ai é o broto já. (...). Morei aqui um bocado de tempo mais de quarenta anos. Meus pais me levaram para lá com uns cinco anos.” PEDRO BARROS



Pedro Barros

de cultivar isso e ela passa o tempo aqui junto com o tio Pedro. Ela já é aposentada e morava na cidade e após esse confronto e conflito com o fazendeiro ela foi uma das pessoas que veio para cá para dar força e ajudar unir essa família, pela sua idade e experiência. Ela é uma pessoa fundamental para nós aqui dentro da nossa comunidade.”

JORLANO FERREIRA

Tem muita planta medicinal: capim de cheiro, babosa, hortelã, macaxeira, tem muita coisa plantada (...)”

DOMINGAS BARROS

“O Paú é o miolo do coqueiro quando o coqueiro cai que ele apodrece, aí a gente pega aquele paú. Já ele podre é de quatro a cinco anos, aí vira aquele paú, a gente apanha para botar o adubo nas plantas, para qualquer planta o adubo é bom de palmeira é feito da palmeira e tem muita utilidade. Começa das palhas, tem as frutas do babaçu que a gente aproveita para comer e fazer o carvão, pode tirar o leite e a palha para cobrir casa, tudo serve, tudo tem serventia, é de grande utilidade a palmeira.

Já tinha pra todo lado, desde meu nascimento aqui já era cheio de palmeiras. Agora com esses fazendeiros, quando eles compraram tinha uma área grande, aí eles derrubam tudo, porque mais para frente vai servir ou vai fazer falta pra gente mesmo... pois é, como já tem comprador de babaçu para fazer a ração pra gado, isso mais para frente vai fazer falta...

Tinha outros tipos de árvores... tinha o caju de janeiro, tinha aquele que dá a frutona Pedro...a sapucaia aquela outra, o jatobá, tinha bacaba, tinha aquele folha grande que tem um pé bem ali...Axixá, tudo tinha... tinha pé de caju de janeiro que dois homens não abraçava... isso acabou tudo! Anajá tudo tinha. Quando era de tarde por uma hora dessa, ficava preto de guariba em cima daqueles pés de caju, comendo as frutas, aí vez que nós matava um dois, aí o veio meu pai dizia que vocês não vão comer isso tudo, matando só dois basta é só para comer ele não deixava matar mais do que a quantia de dois não, era só aquele tantinho que pudesse comer aproveitar.”

SALVADOR

“Aqui é o seguinte, eu planto macaxeira, eu planto feijão, planto milho, a banana e aí a renda nossa aqui é o babaçu que agente quebra o babaçu e tira o azeite. Tem pessoas que compram lá em Araguatins a Bagi, o azeite e o carvão e também o paú que o Salvador meu irmão leva [...] o Paú é



Dona Domingas Barros



Girau de hortaliças do Virgílio Barros



Plantas medicinais

quando apodrece o coqueiro e só fica aqueles miolos[...] para colocar na planta, a minha irmã tem muito, tem muito paú. De fruta eu tenho a banana, tenho o maracujá, tenho as mangas que agora é que está começando. Tem pé de caju que a minha mãe plantou que é esse aqui, esse daqui tem uns oitenta e dois anos [...] esse aqui é o pé de caju que a minha mãe plantou na era de trinta. Aqui tem maracujá, eu plantei aqui para fazer uma experiência.

Este é o pé de jurema, pé de maracujá ele já está acabando a carne, eu plantei como experiência. Vou plantar mais pelo menos cinquenta pés (...). Aqui eu crio também umas galinhas sabe. Eu vou cercar para as galinhas não fugirem, vou passar uns três rolo de tela aqui para prender as galinhas por causa dos bichos. Aqui agente não bota mais roça porque não tem área suficiente. Mas eu quero plantar cinquenta pés, nesse outro ano. Era para ter muitas plantas, mais a saúva (formiga) cortou a planta, agora agente está plantando pé de pequi. O que foi plantando ele era para estar grande, mas o cupim cortou, aí eu tirei o galho que o cupim cortou para botar no pé de maracujá, aí é o broto já. (...). Morei aqui um bocado de tempo mais de quarenta anos. Meus pais me levaram para lá com uns cinco anos.”

PEDRO BARROS

“Nasci na ilha do lado do Pará, bem ali, nesse tempo era município de São João do Araguaia. Agora é município de Brejo Grande. Meu pai chama-se Francisco Sousa Noronha. Antes era município de São João do Araguaia. Tenho Cinco filhos e somente três moram aqui. Os outros estão tudo trabalhando fora. Aqui na comunidade a principal atividade desenvolvida para o sustento da família é o trabalho no barco. De modo geral a comunidade pesca e trabalha fazendo umas diárias para outras famílias da comunidade. Vende galinha, macaxeira, abóbora, milho, o que tem é o que planta (...). É mais para o consumo! Vende babaçu e tira azeite. Quando tem bastante, aí vende um pouco, quando encontra uma pessoa que quer comprar agente vende. O azeite agente come e coloca na comida. Por enquanto só tem esses frutos da roça, abóbora, melancia, o milho, o feijão, a fava que ainda está pequena para colher. As madeiras só para fazer cercas. (...)



Pedro Barros



Roça de milho entre palmeiras de babaçu



Lagoa no interior da ilha



Plantas medicinais e fruteiras

fazendas. E na ilha aqui quem cria gado é o Moacir e o Zedelvir, são os fazendeiros mais próximos por aqui.” FRASCISMAR ARAÚJO NORONHA

“A gente quebra coco pra fazer carvão, cria galinha, pesca peixes. A gente vende também, quando dá para vender a gente vende, quando tá pouco fica só para o consumo mesmo. Tira as palhas das pindobinhas dessas que vão mesmo para não destruir a natureza, tira mesmo o necessário para não desmatar ela. Para cobrir as casa tem que tirar palhas, é das palmeiras, as pindobas são essas baixinhas para não derrubar as palmeiras altas. A gente bota escada e tira para não ter que jogar as bichinhas no chão. A gente vende também, usa mais do que o que vende, mas para comer do que vender. Aqui vende mais em uma hora da necessidade. (...) chamam pelo nome de quebradeira, quebradeira de coco (risos). A esteira esse aí, ah! Tem mulher que sabe fazer. Para forrar o chão, botar o feijão no sol, milho para secar. (...). Aqui a quebradeira de coco é a tia Dominga, Nazaré e eu mesma. Agente quebra coco para tirar azeite, tirar leite. (...) cada uma fica no seu local, está faltando se reunir para as mulheres fazer uma casa para botar todo mundo para quebrar coco.” EVA DA SILVA



Consórcio de bananeira e cupuaçu

“A dança antigamente na época que era dos meus pais era a dança de forró, do lindo e da suça. A suça era sapateando (...). Porque eles dançam aí tem o sarão, aí eles gritam: oh o sarão! aí ele sai atrás do outro. Eu já dançava a suça e estava aprendendo. Não era assim nos festejo que tinha é porque nós festejávamos aqui São Lázaro, São José era nessas épocas que fazíamos essas brincadeira viu! [...] as festa são de São Lázaro e São José. Era lá onde nós morávamos. Ali onde é a casa da minha irmã Vicência que fazíamos as festas, na casa do meu pai. Uma casa na frente do tamanho desse e tinha outro quase do mesmo tamanho do lado do fundo que era a cozinha dessa



Beatriz Francisco de Souza

A gente ainda consegue pegar uns peixinhos. (...). Mas só piau, branquinha, voador no verão, piranha muito, (tem muita piranha) se demora a piranha come o peixe (riso). Tem Madeira cipó. Aqui tá fraco o que tinha antes, hoje não tem mais. Tiraram tudo, acabou!” FRASCISMAR ARAÚJO NORONHA

Cada um pesca no seu porto. A gente coloca a redinha para o boto carregar quando não tiver olhando. A pesca é de anzol. No inverno é mais rede. Aqui nenhum cria gado isso é só nas

época. Isso era animado, nas festas fazia muito bolo, comida, tinha muita coisa, meu pai matava um gado nesse tempo pra festa, aí matava porco, galinha, era uma festa bonita.

Dominga ia fazer bolo do lado do Pará. Vinha àquela lata cheia de bolo não era Dominga? Fazia nos fornos, aqueles fornos grandes eram de barro, assava e atravessava o rio pra cá. Pois é, isso era uma festa bonita e agora nós queremos fazer o mesmo que era do tempo dos meus pais. Nós queremos fazer do mesmo jeito que era antes. Era na ocasião dos festejos que o Lindô era coisa. Oh! Rapaz como é o nome do instrumento? Berimbau? É berimbau, batendo berimbau e nos tambores. Sabe atrás um do outro. Um rodava para um lado, outro rodava por outro, mais o meu irmão gostava mais de fazer era o baile mesmo. O forró tocado de sanfona aquele tempo. Sabe ele gostava, mas tinha o pessoal que gostava mais de suça e Lindô, os que gostavam de dançar Lindô e suça e os outros que dançavam no baile que era o forró. Ia para o forró tocando sanfona. O meu irmão sempre gostava, mais nós fazíamos a latada, aí fazia a festa que era do Lindô (...) hoje por enquanto nós não fazemos essas festas.

Era a Nossa Senhora do Rosário, eu que vou ver se eu consigo fazer esse festejo. O festejo de nossa senhora do Rosário nós festejávamos de novena. Nós íamos para Araguatins e passávamos os três dias lá. Em Araguatins, eram nove noites de festa, o pessoal vinha todo o dia, todo o pessoal vinha do Pará para rezar. Aí tinha o último dia da reza, aí que era animado, que era o dia do festejo que ajuntava mais gente que era o dia das festas, era bonito (...).” PEDRO BARROS

Desafios – ameaças no território

“Os fazendeiros ali de cima queriam tirar nós daqui por tudo, ainda me escorraçou (...) mas logo voltei para Ilha (...). Esse fazendeiro dá dor de cabeça. Os fazendeiros destruíram tudo, acabaram com as árvores, tinha muita árvores aqui nessa área. Tinha caju de janeiro, tinha muito mesmo. Agora só existe um pé de trás da casa do Jorlando, tinha muita árvores que não tinha, mais eu estou plantando, como aquele bacuri, o mogno, estou plantando, o eucalipto, o pequi, já tem pé de pequi plantado por mim. A árvore dele já está dessa grossura, eu trouxe a mudinha desse tamanho, eu reservo mesmo. Tem planta que eu planto só para os Passarinhos comer, só os passarinhos que comem, porque é doce de mais, aí eu planto só para os pássaros. Porque os pássaros não trabalham para sobreviver né, aí a gente tem que plantar.

A gente planta não é só para gente não, planta para os passarinhos sobreviver. Assim como a gente quer sobreviver, os pássaros também, porque eles não trabalham. Agente que tem que trabalhar para eles. Aí eu gosto muito quando eu acordo, cinco horas e vejo a passadeira cantar, eu aprecio os pássaros cantar. Aquilo pra mim é um prazer, eu tenho sangue de índio, eu gosto é da mata, não gosto da cidade, eu tinha casa lá na cidade mais eu quase não frequentava.” SALVADOR

“Em Araguatins tem escola. Aqui por enquanto ainda não tem, aí os bichinhos quando quer estudar vão tudo para lá. (...) as crianças pequenas todo dia tem que levar e buscar de barco (...). E o transporte é feito no barco mesmo. Cada um tem o seu barco.

Com a chegada da barragem sai todo mundo daqui da ilha (...). A mulher acabou de me falar ali. Embarca todo mundo, você está por fora. Já começaram e nós não vamos ter mais essa maravilha que temos.” EVA DA SILVA

“Era o que eu estava falando, em oitenta a água veio bem ali, mas não alagou, vai indo ela baixa, sei que foi muita água do rio na cidade. A água foi até lá na calçada da igreja, segunda calçada ali, naquela rua da igreja, ali os barcos ficaram tudo boiado na rua, canoa e tudo. Na rua ficou alta a água, foi lá na igreja. Lá em Araguatins a água ficou pegando na biqueira da casa. Rapaz acaba (riso), aí nessa altura o povo quer que saia todo mundo né? É muita água. A Ilha vai ser inundada com a construção da hidrelétrica. Prejudica tudo, acabam as praias, ou vão ter que fazer uma praia

artificial. Acaba com tudo que temos na Ilha. A vida!” FRANCISMAR ARAÚJO NORONHA

“(…) nós não estamos aceitando essa barragem aqui é de jeito nenhum. Nós não somos de acordo eles fazer essa barragem, porque se fizer vai destruir a nossa comunidade e ai se destruir a comunidade para onde é que nós vamos? Eles já passaram aqui, já distribuíram uns livros para nós, eles falaram que já estava na terceira etapa. Daqui da comunidade ninguém está aceitando, de fora tem muitos que aceitam, mas pelo menos nós não vamos aceitar porque nos prejudica. Nós temos as caças aqui, se tiver essa barragem tem muita caça que vai acabar. Aqui vai destruir muitas coisas; o babaçu, que agente vivi do babaçu. Ai vai para o fundo e ai acabou tudo viu, porque destrói tudo enquanto. A barragem não traz nada de bom! A praia da ponta vai desaparecer. Ela fica aqui para cima do Salvador, aquela ilha que tem.” PEDRO BARROS

“É esse negócio de destruição das matas não pode, eu limpo assim na beira do rio, mas aqueles paus grandes eu não corto, só aqueles matos finos para não destruir, pois aquilo vai estragando, eu faço é plantar. Eu já plantei foi aquele, tem uma carreira de barriguda que é para segurar a terra que ela engrossa a raiz assim, ai segura a terra... aí eu plantei uma carreira... ainda tão pequeno mais eu gosto de fazer plantio sobre a geração... pois é eu gosto de fazer plantio... olha esse pé de planta bem ai, limãozinho eu rocei eu digo ... tenho que deixar esse pé de limãozinho que esse ai é muito bom porque a raiz dele ajuda segurar e quando ele flora aquela flor dele é um cheiro, cheirosa a flor dele, limãozinho, pois é isso, nós devemos preservar às vezes ele não serve para gente mas serve para um filho, serve para um neto, um bisneto e assim vai indo, vai passando, eu gosto de conservar.” SALVADOR



Cajueiro secular, marco da comunidade



Porto no Rio Araguaia

PARTICIPANTES DA OFICINA

Membros da Comunidade Ilha de São Vicente

Miguel Batista Barros
Raimundo Batista
Joselha Lima da Silva
Maria de Fátima Barros
Jose Batista Barros
Pedro Barros Sobrinho
Salvador Batista Barros
Maria Dagmar
Deuzivan Ferreira Rocha
Jhessica Ferreira Souza
Dorivan Ferreira Rocha
Doralina Souza
Mateus Ferreira
Domingos Barros
Vicência Batista Barros
Maria Batista Barros
Jorlando Ferreira Rocha
Rosângela de Souza Barros
Elton de Sousa Barros
Francismar de Araújo Noronha
Reginaldo Sousa Silva
Joacy Carvalho Barros
Virgílio Barros
Regina Barros
Beatriz Francisco de Sousa
Maria Darluz de Souza
Eva da Silva
Domingos Willian Souza Barros
Domingas Batista Barros

Projeto IjéÓfé

Maria Luiza Carvalho Nunes – FAOR/CEDENPA
Ana Maria Sousa Reis – FAOR/FÓRUM KARAJÁS
Paulo Rogerio Gonçalves – FAOR/APA-TO
Jose Carlos Galiza – FAOR/MALUNGU/CONAQ
Marquinho Mota – FAOR
Ana Claudia Matos – MUMBUCA/MATEIROS TO
Leia Ribeiro Gomes – MUMBUCA/MATEIROS
Flavio Ribeiro – PRATA/SÃO FELIX DO TOCANTINS
Maria Aparecida – PRATA/SÃO FELIX DO TOCANTINS
Sirleide Rodrigues – BARRA DA AROEIRA/ SANTA TERESA
Márcia Azevedo – VALE DA MATA GRANDE/ MONTE DO CARMO
Renata Azevedo – VALE DA MATA GRANDE/ MONTE DO CARMO
Merivaldo – POÇO D'ANTA/ ALMAS
Jeferson Dias – LAGOA DA PEDRA/ ARRAIAS
Adenil Martins – KALUNGA DO MIMOSO
Romário Xavier – KALUNGA DO MIMOSO
Letícia Crisóstomo – BAIÃO/ ALMAS
Fabio – MALHADINHA/ BREJINHO DE NAZARÉ
Domingos Barbosa – SÃO JOAQUIM/ PORTO ALEGRE
Adalton Ferreira – SANTA MARIA DAS MANGUEIRA/ DOIS IRMÃOS
Domingos Costa – SANTA MARIA DAS MANGUEIRA/ DOIS IRMÃOS
José Neto Ferreira – LAGINHA/PORTO ALEGRE
Márcia Nogueira – LAGINHA/ PORTO ALEGRE
Jamilson – LAGEADO/ DIANÓPOLIS
Wallyson G. Guimarães – MORRO DE SÃO JOÃO/ SANTA ROSA
Welinton Bofim da Silva – MORRO DE SÃO JOÃO/ SANTA ROSA
Donizete Oliveira Reis – GROTÃO/ FILADÉLFIA
Rosângela Barros – ILHA DE SÃO VICENTE/ ARAGUATINS

CONTATO

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DA ILHA DE SÃO VICENTE
Rua Alfredo Gonçalves da Silva 127 Centro
CEP 77950-000 Araguatins TO

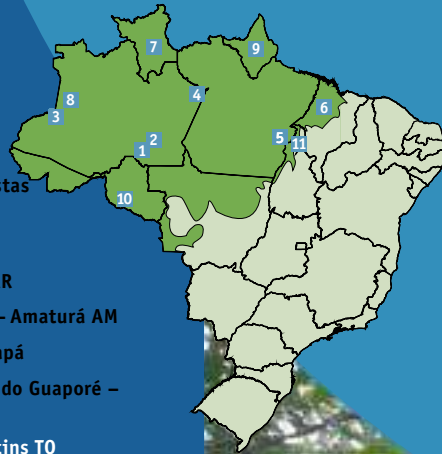


PROJETO

Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DA
ILHA DE SÃO VICENTE

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de coco babaçu e agroextrativistas do sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhas – Amaturá AM
- 9 Remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

APOIO



Faculdade de Educação
do Campo
UNIFESSPA
UFPA

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UFT
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-284-1



9 788578 832841